

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE COMUNICAÇÃO E
EXPRESSÃO DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Nicolas Brukiewa Rodrigues

O MITO DE PÃ EM PERCY JACKSON: UMA LEITURA ECOCRÍTICA

Florianópolis

2021

Nicolas Brukiewa Rodrigues

O MITO DE PÃ EM PERCY JACKSON: UMA LEITURA ECOCRÍTICA

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina apresentado como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Susan Aparecida de Oliveira

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodrigues, Nicolas Brukiewa

O mito de Pã em Percy Jackson : uma leitura ecocrítica /
Nicolas Brukiewa Rodrigues ; orientadora, Susan Aparecida
de Oliveira, 2021.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Pã. 3. Ecocrítica. 4. Percy
Jackson. I. Oliveira, Susan Aparecida de. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras Português.
III. Título.

Nicolas Brukiewa Rodrigues

O Mito de Pã em Percy Jackson: uma leitura ecocrítica

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras Português

Florianópolis, 23 de setembro de 2021.

Prof. xxx, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Susan Aparecida de Oliveira, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Thais Fernandes, Dr.^a
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Charles Vitor Berndt, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha avó, aquela que sempre me disponibilizou as ferramentas necessárias e à quem sempre quis orgulhar. Espero que esteja orgulhosa de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, em alguma instância, colaboraram para a feitura deste trabalho, em especial, presto minha gratidão à:

Minha orientadora Susan, por me guiar com tanta sabedoria e ternura.

Meus pais, que me criaram com imensurável bondade e sabedoria, e sempre deram seu sangue e suor para prover o necessário para a conclusão dos meus estudos.

Minha Tia Célia, segunda mãe e sábia conselheira, que diversas vezes me deu o choque de realidade que eu necessitava e não sabia.

À Laura e à Maria, as duas outras pontas desta trindade que por anos tem sido meu suporte, minhas conselheiras, revisoras, paixões, amigas. Já não consigo imaginar uma vida sem vocês.

À Ary, Lia e Rafael, por também terem sido meu suporte por tantos anos, e trazerem alegria em momentos de penumbra que pareciam inacabáveis, continuarei cruzando o estado apenas para vê-los, e se necessário atravessarei também os mares.

Por fim, agradeço aos meus avós, que sempre me deram o aporte material que precisei, e sempre acreditaram na minha grandiosidade, infelizmente não pude me formar a tempo de presenciarem este feito como eu desejava, mas espero que onde estiverem, presenciem essa conquista na minha vida.

“O mundo selvagem, meu querido Grover, está tão pequeno agora, tão destruído, que
nenhum deus pode salvá-lo.”

(RIORDAN, Rick. A batalha do labirinto, 2010, p. 322)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo explorar o mito de Pã como apresentado na saga de livros de *Percy Jackson*, de Rick Riordan, sob uma perspectiva ecocrítica, buscando analisar se a reimaginação do autor acerca do mito do deus sátiro pode ser entendida como uma escrita ecocrítica. De início, analisa-se o mito original do deus Pã, o que ele representava, e sua morte. Em seguida, a saga de *Percy Jackson* é examinada e resumida para maior entendimento acerca do universo estabelecido por Riordan, para então se pensar o mito do deus sátiro dentro desta narrativa. Logo após, com base no aporte teórico selecionado, explanar-se-á a vertente de crítica literária conhecida como ecocrítica, compreendendo, portanto, seus ideais e critérios. Chega-se, assim, à análise do mito repensado com base na leitura ambientalista, apontando semelhanças e divergências com a visão ecológica. Conclui-se, dessa forma, que parece ser possível a compreensão da escrita de Rick Riordan ter sido feita com a ecocrítica entre seus principais objetivos.

Palavras-chave: Pã. Ecocrítica. Percy Jackson.

ABSTRACT

The present work aims to explore the myth of Pan as shown in the *Percy Jackson*'s series of books, by Rick Riordan, under an ecocritical perspective, trying to analyze if the author's reimagination about the satyr god's myth can be understood, in fact, as an ecocritical writing. At first, the original myth of the god Pan will be analyzed, what he represented, and his death. Then, the saga of *Percy Jackson* is examined and summed up, with the intent of bringing more understanding about the universe created by Riordan, so the myth of the satyr god can be thought about inside this narrative. After that, based on the selected theoretical contribution, the literary critic known as ecocritic will be explained, understanding its ideals and criteria. Emerging from this there's the analysis of the represented myth based on an environmental reading, pointing similarities and divergences with the ecological view. It is concluded, in this way, that it appears to be possible to comprehend Rick Riordan's writing as one done with the preservation and representation of nature between its main objectives.

Keywords: Pan. Ecocritic. Percy Jackson.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O DEUS PÃ.....	14
3 A SAGA DE PERCY JACKSON.....	20
3.1 O LADRÃO DE RAIOS.....	22
3.2 O MAR DE MONSTROS.....	24
3.3 A MALDIÇÃO DO TITÃ.....	25
3.4 A BATALHA DO LABIRINTO.....	26
3.5 O ÚLTIMO OLIMPIANO.....	27
4 O DEUS PÃ EM <i>PERCY JACKSON</i>.....	28
5 ECOCRÍTICA.....	32
6 O MITO DE PÃ EM PERCY JACKSON COMO ESCRITA ECOCRÍTICA.....	36
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho de conclusão de curso, será desenvolvido o mito de Pã, como reinterpretado por Rick Riordan, através da perspectiva ecocrítica. Desse modo, o escrito está estruturado de maneira que o leitor obtenha compreensão do mito original de Pã, do universo de Percy Jackson e como o mito do deus sátiro se inscreve nele, além dos fundamentos da ecocrítica, para então culminar na junção destes tópicos. Na segunda seção será explanado o mito de Pã, utilizando como fonte principal o *Hino Homérico 19 a Pã*, além de outras referências de apoio, como Graves (2018) e Borgeaud (1988 [1979]), para que se compreenda a imagem da potestade e suas representações na antiguidade. Na terceira seção do trabalho, é visado o entendimento do leitor acerca da história e universo de Percy Jackson, série literária escrita por Rick Riordan. Assim, os cinco livros que compõe a história (*O ladrão de raios*, *O mar de Monstros*, *A maldição do titã*, *A batalha do labirinto*, e *O último olimpiano*), serão brevemente resumidos, para então ser feita, na seção 4, a descrição da presença de Pã e sua influência na saga, além de atentar às semelhanças e divergências entre a obra de Riordan e o mito original.

Na seção 5, será elucidada a história do movimento de crítica literária denominado ecocrítica, bem como os conceitos básicos que circundam essa abordagem, tendo como apoio escritos de Cohen (2004), Rigby (2002), White (1967), e outros. Por fim, na seção de número 6, será feita a análise do mito de Pã, como reescrito por Riordan, mediante um viés ecocrítico, ponderando se é possível realizar tal leitura, e se o mito é repensado de maneira ecológica. A metodologia utilizada para a produção deste escrito foi a revisão bibliográfica, tendo como principais objetos de estudos os cinco livros que compõem a saga de Riordan, o *Hino Homérico 19 a Pã*, e textos base em relação à ecocrítica.

O desejo de realizar este trabalho surgiu da escassez de produções acadêmicas que abordam o ambiente natural na obra de Rick Riordan, mais especificamente dentro da história de Percy Jackson, e a necessidade da produção de análises críticas no que toca a ecologia, particularmente dentro da literatura, se mostra essencial como forma de refletir acerca do avanço da degradação ambiental. Logo, a leitura dos contos do semideus e suas aventuras pode instigar a curiosidade acerca de temas como intertextualidade, interdisciplinaridade, a jornada do herói, entre diversos outros temas que, direta ou indiretamente, aqui serão referenciados. Porém, apesar disso, a realização desta produção acadêmica possui como

intuito iniciar uma discussão acerca de um tema que pode, por vezes, não ter foco em debates que englobam o universo criado pelo escritor texano: a natureza.

Como forma de salientar a exclusão ou omissão da representação do natural ao longo da saga, pode-se citar a adaptação cinematográfica de *O ladrão de raios*, lançada em 2010, que suprime completamente as menções a respeito do meio natural e os danos causados pela poluição e degradação destes espaços. A remoção deste tópico da produção de uma mídia que busca ser amplamente divulgada e consumida pode servir como parâmetro para que se entenda a indispensabilidade de discussões que englobam a ecocrítica nesta obra literária.

2. O DEUS PÃ

A mitologia grega é responsável por apresentar à literatura deuses memoráveis, como Zeus, Afrodite, Hades, Atena, etc. Todavia em meio às muitas divindades descritas nos mitos, há alguns deuses que não se encaixam entre os doze olímpicos, entre eles “Pã, por exemplo, um tipo humilde, agora morto, contentou-se em viver sobre a terra na Arcádia rural.” (GRAVES, 2018, p. 183). Mas quem de fato é Pã? Por que se entende que ele está morto? O deus sátiro é tido como, principalmente, deus dos pastores e dos campos rurais, a fonte mais detalhada até a atualidade que se tem da origem de Pã é o *Hino Homérico 19 a Pã*, encontrado na coletânea de hinos homéricos, escritos estimadamente no século V a.C. (RIBEIRO JR *et al*, 2010). Esse hino constituído de 49 versos segue a estrutura tripartite comum a esses poemas, formados por:

[...] uma introdução (*inuocatio*); [...] A *pars epica* pode conter apenas uma lista de atributos do deus (v.g. h.Hom. 22 a Posídon), um mito que revela o poder da divindade (v.g. h.Hom. 6 a Afrodite) ou as duas coisas (v.g. h.Hom. 19 a Pã). [...] A parte final, *precatio*, pode conter até três elementos: uma saudação, uma ou mais preces, e uma sequência [...]. (RIBEIRO JR *et al*, 2010, p.52.).

O *inuocatio*, neste hino, inicia-se com uma invocação à Musa, para que fale ao leitor do filho de Hermes (*Hino Homérico a Pã*, v. 1), portanto logo no primeiro verso é possível entender uma parte da genealogia do deus, cujo pai é Hermes, o deus mensageiro, guia de rebanhos e pessoas (RIBEIRO JR *et al*, 2010), sua mãe é apresentada posteriormente ao leitor, por volta do verso 30, quando se narra a ida da divindade à Arcádia e sua consumação com a ninfa Dríope, filha de Dríops (*Hino Homérico a Pã*, v. 30-34). Ao observar sua linhagem, entende-se o porquê de Pã ser um deus dos rebanhos e dos pastores, do espaço rural como um todo; de Hermes ele herda o contato com rebanhos, e de sua mãe, uma ninfa, o contato com a natureza. Apesar do hino ser tomado como a fonte mais detalhada da história do deus sátiro, Sílvia M. S. de Carvalho (2010) comenta que

[...] há também outras tradições que, ainda lhe dando Hermes por pai, refere a mãe como sendo Eneis, ou Amalteia ou, ainda, Penélope, mulher de Odisseu, que Hermes teria visitado na forma de um carneiro. Hermes era, efetivamente, conhecido como condutor de carneiros. Há ainda os que acreditam ser ele divindade mais antiga, filho de Crono e Reia. Outra tradição faz de Pã gêmeo de Arcas, o herói arcádico, e portanto filho de Zeus e de Calisto. (p. 504)

Mas ainda tomando o hino como principal referência, é interessante notar as diferentes reações dos pais ao conceber Pã. Hermes se alegra com o nascimento do filho, já Dríope se

espanta com a imagem da criança. Para “Hermes, um filho querido, espantoso de se ver,/com pés de bode e dois chifres, barulhento e risonho./De um salto, ela fugiu – a nutriz abandonou sua criança –,/com medo, ao ver seu aspecto rude e barbudo.” (HOMERO, 2010, v. 36-39). Contudo, como brilhantemente apontado por Philippe Borgeaud em *The Cult of Pan in Ancient Greece* (1988 [1979]), a aparência da potestade é grotesca apenas aos humanos, pois após a evasão da mãe, o deus mensageiro leva seu recém nascido filho para a presença de seus familiares no Olimpo: “Ele sentou-se ao lado de Zeus e dos outros imortais/e mostrou-lhes seu filho; e todos os imortais se alegraram em seu/espírito, e o báquico Dioniso mais do que todos;” (HOMERO, 2010, v. 44-46). Pã é adorado pelos seus semelhantes divinos, renegado apenas pelo humano/mortal.

Da alegria proporcionada pela criança surge a etimologia de seu nome, segundo o *Dicionário Etimológico da Mitologia Grega* (2013): “A etimologia popular antiga referia-se ao adjetivo $\pi\tilde{\alpha}\varsigma$, "todo", pois este deus alegraria o coração de todos (Hymn. Hom. in Pana, 19, 47) [...]” (p. 216, grifo do autor), entretanto há também a semelhança, apontada por Barbosa (2015) e pelo dicionário, com o sânscrito *pa-on*, que significa *pastor*, ressaltando sua personificação como deus pastor e senhor de rebanhos, frequentador de espaços rurais. Referente à sua relação com o campestre e rústico, é possível perceber no poema atribuído a Homero trechos que constantemente enfatizam esse vínculo:

[...] e que, pelos campos
cheios de árvores, anda para lá e para cá com as ninfas habitadas
[a dançar,
que pisam o alto da rocha escarpada
invocando Pã, o deus pastor de cabeleira brilhante
e descuidada, a quem foram destinados os picos cobertos de neve,
o cume das montanhas e os caminhos pedregosos.
Ele caminha para lá e para cá, através de moitas cerradas;
Em um momento, é atraído por suaves correntezas;
Em outro, ao contrário, fica vagando em penhascos rochosos,
subindo ao topo das colinas para observar as ovelhas.
Muitas vezes ele corre pelas altas e brancas montanhas;
muitas vezes, atravessa os arborizados flancos, com o olhar aguçado,
matando animais selvagens. [...] (HOMERO, v. 2-14).

Dada sua forte conexão com o campo, é possível caracterizar Pã como um deus ctônico. Sendo ctonismo um

[...] termo já existente entre os próprios Gregos – estudado por diversos especialistas durante vários séculos encontra em Pierre Chantrene sua definição mais cara, onde as divindades ctônicas seriam aquelas que, por serem de mundos diferentes do urbano, ligadas a *chóra*, denotariam um caráter misterioso. (BARBOSA, 2015, p. 68.).

Apesar de outros deuses também se relacionarem com o rural (como Dionísio ou Ártemis), poucos se mantêm quase exclusivamente nesse espaço em contradição com a cidade (BORGEAUD, 1988 [1979]); a associação da potestade com a natureza se estende até os locais em que era adorado, dado que distintivamente de seus semelhantes, templos não foram erguidos para Pã, sua imagem era adorada em cavernas, até mesmo em Atenas apenas uma rachadura em uma pedra fora dedicada a ele. Para os gregos a caverna representava tanto um local destituído de cultura quanto um local de regressão às forças originárias (BORGEAUD, 1988 [1979]). Por seu aspecto ctônico, e por ser seu local de nascença, torna-se claro o intenso elo que a potestade possui com a Arcádia, ao ponto de ser compreendido como arcadiano, “Apolo e Dionísio podem ter se originado em locais distantes, indefinidos e míticos (Hiperbória, Nysa), mas Pã é firmemente localizado em uma paisagem real; todas as fontes antigas o chamam de Arcadiano” (BORGEAUD, 1988 [1979], p. 3, tradução nossa).

Compreendia-se a Arcádia como cidade rural e distante, local que até o século V d.C. era constituído por vilas que não eram agrupadas ao redor de um centro citadino, contrapondo-se à grande e mais urbana Atenas (BORGEAUD, 1988 [1979]; BARBOSA, 2015), em vista disso torna-se nítido o porquê de não haver tantos relatos e mitos sobre o deus quando comparado à alguns de seus semelhantes, em especial os doze olímpicos, sua adoração se dava fortemente por fazendeiros, pastores e por vezes caçadores da cidade campesina, sua identidade selvagem não encontra espaço no meio urbano, “Nesta Atenas citadina e democrática, da *sophrosine*, pouco espaço teria para deidades tão selvagens e donas de uma bestialidade latente.” (BARBOSA, 2015, p. 78).

Todavia, apesar de sua forte conexão com a Arcádia, o interior e o campestre, a deidade eventualmente irá ser incorporada na cidade, como posto por Barbosa (2015): “Entretanto, assim como a grande maioria dos deuses telúricos, Pã vai sendo urbanizado e se humanizando com o passar das décadas.” (p. 78). A despeito de não ser muito representado literariamente, Pã é frequentemente encontrado na iconografia com ilustrações semelhantes às

de Dionísio, como um deus festeiro, comumente sexualizado e cercado de mortais (BARBOSA, 2015, p. 76), no entanto é errôneo pensar que nenhuma mitologia foi escrita sobre a potestade, já que no período helenístico surgem alguns mitos que versam sobre suas relações com outras personagens, como as ninfas Eco e Syrinx, além de lutar ao lado de Zeus na guerra contra os Titãs (BORGEAUD, 1988 [1979]).

Por mais que os aspectos agrônômicos de Pã sejam os mais frequentemente comentados, é importante notar que essa divindade não se limita a isso, para além dos rebanhos o deus sátiro é visto também como um deus da caça, um talentoso musicista, uma potestade que guia seus opositores à loucura, além de festeiro (BORGEAUD, 1988 [1979]). Idear o deus sátiro como um representante da caça pode parecer contraintuitivo ao confrontar essa concepção com a imagem previamente apresentada (de uma divindade do natural, do campo e de animais domésticos), além da existência da deusa Ártemis, deusa da caça, entretanto, escreve Philippe Borgeaud que:

Nós não devemos, entretanto, concluir que Pã era tipicamente o deus da caça. Nessa esfera, ele se mantém subordinado à Ártemis, Senhora das Feras Selvagens (*potnia thērôn*), que era inquestionavelmente a caçadora paradigmática. Referente à caça, Pã representa somente uma prática mais modesta, mais rústica e pronta, e possivelmente algo também mais primitivo. (1988 [1979], p. 64, grifos do autor, tradução nossa).

A caça, sendo assim, faz parte da identidade de Pã, porém como algo mais modesto que a caça personificada por Ártemis, o caçar do deus sátiro é mais humilde e primitivo, se limita a caçadas pequenas, uma busca apenas do alimento necessário, podendo punir aqueles que caçam em excesso no seu território, ele zela pelo equilíbrio da natureza (BORGEAUD, 1988 [1979]); A maneira como Pã caça ainda é remanescente da Arcádia, é uma caça rústica. Quanto às representações da potestade enquanto ser sexual, musical e festivo, é uma imagem fortemente gravada no consciente helênico; de sua relação com a ninfa Syrinx o deus produz uma flauta com a qual pode induzir seus ouvintes ao pânico ou a obsessão, já sua sexualidade possivelmente provém de sua animalidade e selvageria (BORGEAUD, 1988 [1979]). Destas características surge a afinidade do deus com Dionísio, já apresentada no hino homérico quando Hermes leva a jovem criança ao Olimpo, pois seu familiar é “Deus do vinho e da intoxicação etílica, do êxtase místico (“mania”), da subversão da identidade normal e, por isso, patrono do teatro.” (RIBEIRO JR *et al*, 2010, p. 61). O deus do vinho é portanto afeito às festas, a subversão da mente, a mania, o rural e o constante contato com mortais, logo nutre afeição pelo filho de Hermes (BORGEAUD, 1988 [1979]).

Com base no que foi apresentado, se faz interessante pontuar um tema recorrente na identidade de Pã, como comentado por Philippe Borgeaud em *The Cult of Pan in Ancient Greece* (1988 [1979]), que diz respeito às dualidades encontradas na identidade da divindade, como a oposição entre ele ter alegrado a todos os deuses mas poder levar mortais ao pânico (como sua mãe, Dríope, fugindo em terror após o parto). Sua existência entre o Olimpo e a Arcádia representa a união e oposição entre o mortal e o divino, seu local de adoração, a caverna, é um local negativo pois rejeita a cultura mas é também onde o homem se encontra com a origem, Pã é o protetor dos rebanhos mas também um caçador, existe enquanto o que é caçado e o que caça. Porém, apesar de serem atributos interessantes e dignos de extensas discussões, a temática não se encaixa nos propósitos deste trabalho.

Dando continuidade à caracterização do deus sátiro, vale por fim comentar sobre a morte da potestade, sendo o único dos deuses que morre durante a época dos mortais (GRAVES, 2018), é dito que:

A notícia de sua morte chegou através de Tamo, marinheiro cujo barco ia rumo à Itália, fazendo escala na ilha de Paxi. Uma voz divina gritou do mar: — Está aí, Tamo? Quando chegar a Palodes, trate de anunciar a morte do grande deus Pã! E assim fez Tamo. A notícia foi recebida desde a costa com gemidos e lamentos.” (GRAVES, 2018, p. 184).

Apesar de sua morte ter sido anunciada “[...] aproximadamente um século depois, encontrou santuários de Pã, altares, cavernas e montanhas sagradas dedicadas a ele, que ainda eram muito frequentadas.” (GRAVES, 2018, p. 186). Portanto a imagem do deus não morreu, sua influência ainda perdurou, e isso não torna menos intrigante o anúncio feito. Para esse comunicado, Carvalho aponta um possível motivo que levou a divindade ao seu fim:

A domesticação de cabras em Creta e na Grécia parece ter sido muito antiga, anterior mesmo à de ovelhas. E a domesticação faz com que, aos poucos, os animais criados pelos homens – tornando-se “propriedade” dos homens – percam seus significados originais e passam a ser coisas triviais. Assim, o pobre deus Pã, com seus chifres e pés de bode, só poderia mesmo morrer – ou, pior ainda, no cristianismo, se transformar na representação do diabo. (CARVALHO in: RIBEIRO JR *et al*, 2010, p. 505).

A morte do deus ctônico pode, então, ter sido anunciada como uma representação das mudanças de hábito na Grécia antiga, não necessariamente indicando uma morte corpórea de um ser tido como imortal, mas denotando o fim de uma prática, ou ainda, o enfraquecimento de sua simbologia, vindo a falecer por tornar-se subordinado dos mortais. Porém, Robert Graves (2018) apresenta uma alternativa que contesta o possível anúncio:

Ao que parece, o egípcio Tamo ouviu mal o lamento cerimonial *Thamus Pan-megas Tethnece* (“o todo-poderoso Tamus morreu!”) e entendeu: “Tamo, o grande Pã,

morreu!”. De qualquer modo, Plutarco, sacerdote de Delfos na segunda metade do século I a.C., assim acreditou e publicou [...]. (p. 186, grifos do autor).

Em vista disso torna-se viável a ideia de que a anunciação feita por Tamo tenha sido um equívoco provindo de um mal entendido, mas apesar disso, sendo um erro ou não, a morte de Pã foi registrada, diferente de seus familiares que não tiveram sua imortalidade contestada, talvez por que os homens não foram capazes de dominar os raios, o amor ou os mares, apenas a propriedade de Pã fora subjugada, e com ela a própria divindade.

A seguir será apresentada brevemente a saga de livros de Percy Jackson, na qual o deus sátiro faz aparições.

3. A SAGA DE PERCY JACKSON

Escrito por Rick Riordan, um escritor texano que atuava anteriormente como professor de inglês e história, o primeiro livro da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, composta de cinco títulos, fora publicado originalmente em 2005, intitulado *The lightning thief*, vindo a ser publicado no Brasil em 2008 sob o título *O ladrão de raios* (BAUMGARTEN, 2009). Os outros quatro romances da série são, respectivamente: *O mar de monstros* (2009 [2006]), *A maldição do Titã* (2007 [2009]), *A batalha do labirinto* (2010 [2008]), e *O último Olimpiano* (2010).

A sequência de livros conta a história de Perseu Jackson, mais conhecido como Percy, um menino de 12 anos (inicialmente, conforme a história progride Percy vai envelhecendo, atingindo no último livro 16 anos) aparentemente normal, diagnosticado com TDAH e dislexia, que frequentemente precisa mudar de escola por se meter em problemas; Ao longo da série, o leitor descobre, junto de Percy (por ser narrado através da perspectiva dele), que os mitos da Grécia antiga são reais, os deuses, assim como os monstros, existem; locais míticos como o labirinto de Dédalo e a ilha de Circe encontram-se escondidos no mundo mortal, disfarçados por algo chamado *névoa*, e, entre tantas revelações, o protagonista descobre ser filho do deus dos mares, Poseidon. Cada livro compõe uma aventura individual, interligados por um problema maior: o Titã Cronos está tentando se reerguer para se vingar dos olimpianos e reinar com os outros titãs novamente.

Riordan reimagina os mitos mesclando-os com a atualidade, os deuses se locomovem seguindo o ponto de maior influência do ocidente (atualmente os Estados Unidos), a entrada do Olimpo se encontra no topo do Empire State Building em Nova York, Dionísio se veste com camisas estampadas e bebe coca-cola, a ilha de Circe transformou-se em um Spa, entradas para o Labirinto de Dédalo estão espalhadas pelas cidades, entre muitos outros, todos os seres e locais mitológicos se atualizam com o passar do tempo, portanto é interessante observar a característica intertextual que os livros do literato carregam, pois sua escrita converge entre antigos mitos postos no mundo moderno, como posto por Ricardo Zani (2003):

Os discursos modernos e pós-modernos tendem a ser polifônicos e se relacionam com o presente e o passado, concebendo-se como uma montagem que é alcançada por meio da fusão de elementos oferecidos por outros discursos distintos, sem contudo, perder a singularidade de cada um, afirmando assim, o seu caráter intertextual para atingir seus objetivos. (p. 128).

Segundo o próprio autor em seu website (<https://rickriordan.com/>), a ideia de escrever Percy Jackson surgiu das histórias que Riordan contava para seu filho Haley antes de dormir, o até então professor narrava para seu filho mitos gregos, e quando já não sabia mais que conto relatar, a criança pediu para que o pai inventasse algo, deste pedido surgiu a história d'*O Ladrão de raios*, narrada para Haley em três noites. Por atuar como professor de história Rick Riordan mantinha contato constante com as histórias gregas e pode criar um grande repertório pessoal de conhecimento sobre tais mitos.

Mediante sua vivência com crianças e adolescentes e seu entendimento sobre mitologia grega, o autor foi capaz de escrever uma saga de grande sucesso, que ganhou duas adaptações cinematográficas não tão bem sucedidas, os filmes *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, lançado em 2010, e *Percy Jackson e o Mar de Monstros*, lançado em 2013, ambos pela *20th Century Fox* (BAUMGARTEN, 2019). Uma comprovação da insatisfação do público em relação aos filmes está presente nas avaliações que receberam nos sites de crítica *Rotten Tomatoes* e *IMDb*, amplamente utilizados; no primeiro site mencionado *O Ladrão de Raios* possui 49% de aprovação, já *O Mar de Monstros* recebe menor receptividade com 42%, e no segundo website as avaliações são, respectivamente, 5.9 e 5.8 de 10. Além disso, pode-se também observar a recepção da crítica especializada, segundo Kenneth Turan acerca do primeiro filme: “Essa é a forma mais genérica e banal de se fazer filme, uma simplificação tonta de um livro que já não é incrivelmente complexo.” (2010, tradução nossa). Acerca do segundo filme, Peter Debruge o descreve como “[...] uma demonstração medíocre de efeitos especiais e roteiro desajeitado.” (2013, tradução nossa).

É possível, então, afirmarmos que menos da metade dos espectadores consideram as duas longa-metragens como boas adaptações, isso se dá por diversos fatores, como a ausência de Riordan na produção dos filmes, a diferença de idade e dessemelhanças físicas entre os personagens e os atores escolhidos, entre outros aspectos (BAUMGARTEN, 2019). Apesar disso, em 2017 uma nova produção de *O Ladrão de Raios* surgiu, dessa vez como um musical na Broadway, intitulado *The Lightning Thief: The Percy Jackson Musical*. Contrariamente à obra cinematográfica, o musical foi mais bem aceito pela crítica, com sites como *The Hollywood Reporter* elogiando a apresentação (SCHECK, 2017).

Além das grandes produções, a série de livros também lucrou com a venda de milhares de cópias (BAUMGARTEN, 2019), dando origem a outras sagas semelhantes, como *Os Heróis do Olimpo*, saga que dá continuidade a história de Percy e os semideuses, porém com a adição de mitos e heróis romanos, *As crônicas dos Kane*, trilogia baseada na mitologia

egípcia, *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, outra trilogia, porém baseada na mitologia nórdica, e por fim, *As Provações de Apolo*, saga que retorna à mitologia grega, e apesar de destoantes em suas fontes, todas as histórias se passam no mesmo universo, com personagens de uma saga comumente fazendo aparições rápidas em outra história (RIORDAN, 2021).

A seguir, para melhor entendimento da saga, será feito um breve resumo de cada livro, para que o leitor sintam-se mais familiarizado com o universo de Percy Jackson.

3.1 O LADRÃO DE RAIOS

A história de Percy Jackson se inicia com a introdução do protagonista, um menino nova-iorquino de 12 anos diagnosticado com dislexia e hiperatividade, filho de Sally Jackson e um pai que nunca conheceu. O garoto está realizando uma excursão escolar para o *Metropolitan Museum of Art*, e entre as pessoas que estão nessa excursão vale citar seu melhor amigo, Grover (um menino descrito como frágil e com alguma doença muscular nas pernas), a Sra. Dodds (sua professora de matemática), e o Sr. Brunner (seu professor de latim). Percy atualmente frequenta a *Academia Yancy*, uma “[...] escola particular para crianças problemáticas [...]” (RIORDAN, 20088, p. 09), sua sexta escola em seis anos, já que fora expulso das outras por frequentemente se meter em encrencas. Durante a excursão, em um determinado momento, Percy fica sozinho com sua professora, que se revela como uma figura monstruosa, Sr. Brunner passa pelo local durante o conflito, e entrega ao jovem assustado uma caneta, que se transforma em uma espada.

Após derrotar a Sra. Dodds, transformando-a em pó, apesar dos esforços do menino para não causar problemas, todos, inclusive seu professor de latim e seu melhor amigo, parecem negar a existência de uma professora com esse nome. Percy passa o resto do ano em Yancy, se questionando acerca do ocorrido no museu, duvidando de Grover e Sr. Brunner sobre não se lembrarem do ocorrido. Ao final do ano letivo, agora oficialmente expulso da escola, ele retorna para a casa de sua mãe, Sally Jackson, e seu odiado padrasto, Gabe. Apesar das más notícias, Sally decide ir com seu filho em uma viagem à praia de Montauk, o lugar favorito dos dois, e também o local onde os pais de Percy se conheceram. Estranhas e repentinas tempestades têm açoitado a costa, e em meio a um furacão o garoto e sua mãe são acordados, escutando em seguida o desespero de alguém batendo na porta da cabana onde se hospedam. Ao abrir a porta, os dois encontram o amigo de Percy, Grover, sem calças e com pernas de bode no lugar de pernas humanas, o que explica seu curioso jeito de andar.

Sally e Grover parecem se conhecer, o que surpreende Percy, e apressadamente os três vão para o carro na tentativa de alcançar um lugar que a mãe do rapaz promete que o manterá em segurança, já que algo parece estar os seguindo. A ameaça eventualmente é revelada ser o mitológico monstro Minotauro, e o trio o enfrenta no topo de uma colina, em uma luta na qual Sally é transformada em um pó dourado, e Percy derrota a criatura, mas desmaia gravemente ferido. Quando acorda, o garoto se encontra em um acampamento denominado *Acampamento meio-sangue*, e sem entender os acontecimentos anteriores, se encontra com o Sr. D, responsável pelo acampamento, que explica ao menino o local onde está: um retiro criado para acolher meios-sangues, crianças que tem como mãe ou pai um dos deuses gregos, portanto, todos os mitos gregos são reais, e o diretor é, em fato, o deus do vinho Dionísio, porém referenciado por todos apenas como Sr. D. Também é revelado que Grover é, na verdade, um sátiro que havia sido enviado para manter Percy protegido, e seu ex professor de latim é um dos responsáveis pelo acampamento, que verdadeiramente é o centauro Quíron, um dos filhos do titã Cronos.

Durante sua estadia no acampamento, o menino descobre que há doze chalés, dedicados para os doze olimpianos, onde seus filhos se hospedam já que o mundo fora da colina é perigosa para os semideuses, que são frequentemente atacados por monstros. Sendo assim os jovens que vivem lá frequentam aulas que os ajudarão a sobreviver, como aulas de arquearia e escalada. Percy também conhece diversos campistas, entre eles: Annabeth, filha de Atena, e Luke, filho de Hermes, que ajudam o rapaz em sua adaptação à nova estadia. Por não saber quem seu pai divino é, o garoto fica no chalé de Hermes, e é apenas durante um violento jogo de capture a bandeira que é revelado que, Poseidon, o deus dos mares, é seu pai.

Após essa divulgação, Quíron se vê no dever de contar à Percy que, durante a segunda guerra mundial, os três grandes deuses (Zeus, Poseidon e Hades), fizeram um acordo de não terem mais filhos com humanos, pois suas proles eram muito poderosas. O nascimento do garoto, portanto, violava esse tratado, além de instigar ainda mais o atual problema do Olimpo: o roubo do raio mestre do senhor dos deuses. Sem alternativas, o jovem semideus parte em uma missão com seus amigos, Grover e Annabeth, em busca do raio mestre para provar sua inocência, tendo como principal suspeita o deus dos mortos. A tarefa revela-se mais difícil do que antecipada pelo trio de heróis, enfrentando diversos desafios no caminho, como Medusa, que encontram cuidando de um empório de anões de jardim, a antiga Sra. Dodds e suas duas irmãs, compondo as três fúrias, Equidna, armadilhas de Hefesto e outras adversidades.

No final da jornada, descobre-se que Luke havia sido o responsável pelo roubo do raio mestre, a mando de Cronos, como parte de um plano para reerguer o senhor titã e destronar os olímpianos, esquema instigado pela raiva do semideus em relação à negligência que os filhos dos deuses sofrem de seus pais divinos. O raio havia sido mantido escondido, até então, com a ajuda do deus da guerra, Ares, também influenciado por Cronos em uma tentativa de incitar novas guerras entre os mortais. Percy é, contudo, capaz de retornar o raio ao seu verdadeiro proprietário no monte Olimpo (que se encontra acima do *Empire State Building*), e também de salvar sua mãe, que não havia morrido, apenas sido capturada como refém de Hades como meio de manipular o rapaz. Ao final do livro, Luke foge do acampamento, motivado a continuar suas tentativas de reerguer o deus do tempo, e o filho do deus dos mares é deixado com a certeza de que deverá, inevitavelmente, enfrentar seu até então amigo.

3.2 O MAR DE MONSTROS

O segundo livro da série, sendo o menor em número de páginas, possui estrutura semelhante ao anterior. A história se inicia com Percy estudando em uma nova escola, apenas para ser atacado por monstros disfarçados como alunos, escapando de mais uma ameaça, dessa vez com a ajuda de Annabeth e um garoto grande, estranho e desleixado, chamado Tyson. Porém, na tentativa de se salvar, o semideus acaba arruinando suas chances no colégio como consequência. Ao sair da encrenca, os três rapidamente se dirigem ao acampamento meio-sangue, pois a filha de Atena afirma que algo errado está acontecendo lá, apesar de não saber o que, além disso, Percy tem tido sonhos onde Grover parece fugir de algo terrível.

Após uma viagem de táxi, conduzida pelas irmãs cinzentas, eles chegam no topo da colina que abriga o acampamento, e encontram semideuses conduzidos por Clarisse, filha de Ares, lutando contra touros de Colchis. Depois de uma fervorosa luta, os protagonistas descobrem o que há de errado com o lugar: o pinheiro (anteriormente conhecido como Thalia, filha de Zeus, metamorfoseada em uma árvore por seu pai, assim que morreu defendendo Annabeth e Luke de ameaças), havia sido envenenado, permitindo a entrada de criaturas ofensivas. Durante a briga, Percy também descobre que Tyson é um ciclope, portanto, é como seu meio-irmão, devido a relação dos ciclopes com Poseidon.

Em meio à estadia do garoto no, agora conturbado, acampamento, Annabeth lhe apresenta a ideia de resgatar o velocino de ouro, um artefato mítico com o poder de revitalizar a terra na qual se encontra, podendo, então, curar o pinheiro. Vale ressaltar, também, que o

semideus continua tendo visões de Grover durante seu sono, e descobre-se que o sátiro, durante sua busca pelo deus Pã, fora pego por um temível ciclope que guarda o velocino consigo. Após explanar seu plano para o acampamento, a missão de resgate do objeto é destinada à Clarice, que deverá ir ao mar de monstros, atualmente localizado no triângulo das bermudas, para buscá-lo. Todavia, isso não impede Percy, Annabeth e Tyson de fugirem do acampamento em segredo para desbravarem o mar de monstros.

Durante a jornada, os jovens heróis enfrentam incríveis adversidades, como a ilha de Circe e sereias, além de encontrarem o navio de Luke e seus asseclas, também em busca do velocino, com o intuito de reconstruir o corpo esquartejado de Cronos. O desenrolar da história termina com Grover e o artefato sendo resgatados das mãos do ciclope Polifemo pelo grupo, e restaurando a árvore de Thalia e a segurança do acampamento, porém, revivendo a filha de Zeus como consequência, resultado do forte poder do objeto mitológico.

3.3 A MALDIÇÃO DO TITÃ

O terceiro livro da saga começa com Percy, Annabeth e Thalia, indo ajudar Grover em uma escola, onde o sátiro encontrou dois semideuses: Bianca e Nico Di Angelo, irmãos de 12 e 10 anos respectivamente. Na tentativa de resgatá-los de um manticore, os semideuses são ajudados por Ártemis e suas caçadoras, seguidoras fiéis à deusa, que juraram lealdade a ela em troca de uma vida eterna ao seu lado. Ao ver que se encontra em desvantagem, o monstro tenta fugir, e em uma tentativa de impedi-lo, Annabeth vai atrás da criatura, fazendo com que os dois caiam em um precipício, desaparecendo da visão do grupo. Percy, Thalia, Grover, os dois novos semideuses e as caçadoras retornam ao acampamento, agora sem a filha de Atena e sem a deusa da caça, que parte na busca de um perigoso monstro, também dada como desaparecida após um tempo sem contato.

De volta à segurança do retiro de meios-sangues, o grupo pede por uma missão, e partem na busca de Annabeth e Ártemis, entretanto o grupo deve ser composto de cinco pessoas, e os escolhidos finais são Zoë e Febe (caçadoras já experientes), Bianca (que aceitou ser uma das seguidoras da deusa da caça), Thalia e Grover (como representantes do acampamento). Apesar disso, movido por sua teimosia e urgência de proteger seus amigos, Percy acompanha o grupo afastado, com seu pégaso negro, Blackjack, revelando-se após ajudar a equipe em meio a um combate. Como é comum, o caminho é árduo, porém, desta vez os heróis perdem um de seus companheiros, a novata Bianca Di Angelo.

Ao fim da trajetória, a turma de heróis chega no monte Ótris (atualmente no monte Tamalpais, na Califórnia), onde o exército de Cronos se agrupa, assim como o lugar em que o titã Atlas segura os céus, entretanto, no lugar do titã está Ártemis, que tirou o peso de Annabeth, que o segurava previamente. Após uma batalha que custou a vida de Zoë, o grupo consegue devolver o céu à Atlas e resgatar suas aliadas. Após o resgate, eles participam de uma conferência no Olimpo para informar aos deuses do ocorrido, e, durante a reunião, Thalia revela que irá se tornar uma das caçadoras da deusa. O livro se encerra com a agridoce experiência dos heróis durante a missão, que fora bem sucedida porém com perdas, e a revelação à Nico da morte de sua irmã, que em um momento de fúria e tristeza, descobre ser um filho de Hades, fugindo do acampamento.

3.4 A BATALHA DO LABIRINTO

A batalha do labirinto continua a preservar a estrutura dos livros da série, tendo início com Percy visitando uma nova escola e sendo atacado por monstros disfarçados de líderes de torcida, uma luta que termina com o semideus vitorioso após receber ajuda de sua amiga mortal, Rachel Elizabeth Dare, uma menina curiosa e animada que o garoto conheceu durante sua última missão. Após o embate, que termina com uma parte da escola em chamas e o filho de Poseidon se encontrando com Annabeth, o garoto é levado apressadamente para o acampamento devido ao caos causado, deixando Rachel para trás.

De volta ao acampamento, as coisas parecem estar normais, apesar da crescente tensão da guerra que se aproxima entre os semideuses e o exército de Cronos. Além disso, Grover está sofrendo pressão do conselho de sátiros em relação à sua busca por Pã, e Tyson está lá para visitar seu meio-irmão. As atividades ocorrem como sempre, quando, em meio à uma delas, Percy e Annabeth encontram algo inusitado, uma entrada para o labirinto de Dédalo, algo que Clarisse e Annabeth vinham procurando, pois é um meio rápido de se movimentar por todo o país, com entradas espalhadas por todos os lugares, apesar de ser necessário enfrentar os inúmeros perigos que ele guarda, e encontrar um meio de se movimentar por ele, como o fio usado por Teseu no mito clássico. Além disso, Luke e seu exército podem estar buscando fazer o mesmo, já que o labirinto seria um meio para os monstros serem capazes de invadir o acampamento.

À vista disso, Annabeth, Percy, Tyson e Grover partem em uma missão com o intuito de desvendar os mistérios da criação de Dédalo, o que os leva a desafios e encontros

inesperados, como uma reunião com o filho de Hades, Nico Di Angelo, que tutorado por um mal intencionado fantasma tenta reviver sua irmã. Adversidades afetam o grupo, como a separação de Tyson e Grover para um lado, na busca de Pã, e Percy e Annabeth para outro, também separados após uma tarefa aceita por eles, resultando na estadia do filho de Poseidon por um tempo na ilha de Calipso. Após muitas desventuras, os heróis descobrem que a resposta para como navegar o labirinto estava mais perto do que imaginavam, e percebem, também, que já haviam conhecido Dédalo. Ademais, o grupo encontra o deus perdido, e espiam Luke e seus asseclas, apenas para constatar que seu antigo aliado já não é mais o mesmo que conheciam.

Ao final do livro, alguns membros do exército de Cronos invadem o acampamento em um ataque que acaba não sucedendo para eles. Porém, a intrusão resulta na perda de alguns aliados. Mais do que nunca, todos têm certeza de que a batalha final se aproxima.

3.5 O ÚLTIMO OLIMPIANO

O último livro da saga possui uma estrutura diferente de seus antecessores, desta vez a história não começa com Percy em alguma escola, ele está conversando com Rachel em um carro, quando um dos campistas, Charles Beckendorf, vêm avisá-lo de que eles devem partir: é hora de pôr em prática o ataque que planejaram ao navio comandado por Cronos. O esquema acaba falhando por conta do preparo do exército inimigo, torna-se claro, então, que há um espião entre os campistas. Com a batalha que se inicia, e a incerteza sobre o agente duplo infiltrado entre os semideuses, Percy acaba aceitando a ajuda de Nico, e vai ao submundo com a esperança de ganhar alguma vantagem sobre seu adversário.

A guerra ocorre em Nova York, que é isolada pelos poderes do deus do tempo. A tropa oponente marcha em direção ao *Empire State Building*, onde está o Olimpo, no intuito de tomar o local para si, e resta aos semideuses e seus aliados pararem o avanço, já que Poseidon enfrenta Oceano, e os outros deuses estão ocupados em um embate contra Tifão. As forças do inimigo se mostram mais poderosas do que o imaginado, e Percy e seus amigos não conseguem impedir a progressão de Cronos, além do titã estar cada vez mais próximo de reaver seu corpo e não precisar mais da fisicalidade de Luke, deixando toda a situação ainda mais urgente.

Muitos aliados caem durante a batalha, e outros são feridos, porém é no Olimpo que a batalha final ocorre, entre o deus do tempo e o filho de Poseidon, confronto que acaba com

Percy vitorioso, mas apenas graças à um último ato de bondade de seu antigo amigo filho de Hermes, que se sacrifica para garantir a vitória dos semideuses. Os danos ao fim da guerra são incontáveis, porém, o mal maior é impedido e os campistas podem comemorar o triunfo como heróis. É o fim de uma aflição que os açoitou por anos, e aos leitores, é o fim de uma saga.

4. O DEUS PÃ EM *PERCY JACKSON*

Ao decorrer da série do jovem semideus, Percy se depara com vários deuses, tendo a intenção de encontrá-los ou não, porém há uma divindade que o trio principal ativamente busca: o deus Pã. É em *O Ladrão de Raios* que esse desejo se apresenta para o leitor, quando o sátiro Grover, no capítulo doze, conta ao protagonista seu sonho enquanto montam acampamento em um bosque repleto de lixo, o sátiro se entristece ao ver a poluição causada no chão e nos céus, e relata: “Sua espécie está entulhando o mundo tão depressa que... Ora, não importa, é inútil fazer sermões para um ser humano. Do jeito que as coisas vão, nunca encontrarei Pan.” (RIORDAN, 2008, p. 197), devido a confusão de seu amigo sobre Pan, Grover explica:

- O Deus dos Lugares Selvagens desapareceu há dois mil anos - contou. - Um marinheiro vindo da costa de Éfeso ouviu uma voz misteriosa gritando na praia: “Conte a eles que o grande deus Pan morreu!” Quando os seres humanos ouviram a notícia, acreditaram. Estão pilhando o reino de Pan desde então. Mas, para os sátiros, Pan era o nosso senhor e mestre. Era nosso protetor, e também dos lugares selvagens da Terra. Não acreditamos que tenha morrido. A cada geração, os sátiros mais valentes empenham a vida para encontrar Pan. Eles esquadriham o planeta, explorando todos os locais mais selvagens à espera de encontrar o lugar onde ele se esconde e despertá-lo de seu sono. (RIORDAN, 2008, p. 19).

Através deste excerto é possível observar a abordagem que o autor toma em relação ao mito de Pã. Rick Riordan decide por exaltar a relação do deus com a natureza, não fazendo menção à característica pastoral e rural da divindade, é apenas em *Percy Jackson e os olímpianos: Guia Definitivo*, um livro com conteúdos extra sobre as personagens e os itens da série, publicado originalmente em 2009, ganhando uma edição brasileira em 2012, que o escritor cita brevemente Pã como deus dos rebanhos: “Pã era um sátiro, filho de Hermes. Era o senhor da natureza, deus dos rebanhos e dos pastores, das montanhas silvestres, da caça e da música folclórica.” (RIORDAN, 2012, p. 144). Pode-se traçar fortes conexões entre esta descrição dada e o Hino Homérico a Pã previamente apresentado e, portanto, Riordan reconhece a potestade dos sátiros como detentor destes atributos, mas para sua narrativa escolhe dar foco ao deus enquanto protetor e representante dos espaços naturais.

Dando continuidade às menções e aparições de Pã ao longo da série de livros, em *O Mar de Monstros* Grover já possui sua licença de buscador, portanto partiu à procura do deus, mas após um período sem notícias do sátiro, ele é tido como desaparecido. No sexto capítulo, durante uma das noites de Percy no acampamento, Grover se comunica com o jovem semideus através de um sonho, onde revela que

Por isso nenhum sátiro retornou da sua missão. Ele é um pastor, Percy! E ele *está* com aquilo. Sua natureza mágica é *tão* poderosa que cheira exatamente como o grande deus Pan! Os sátiros vêm aqui pensando que encontraram Pã e são apanhados e comidos por Polifemo! (RIORDAN, 2009, p. 81, grifos do autor).

Ao longo do livro o leitor descobre que, como já resumido, Grover se encontra no mar de monstros sob a custódia do ciclope Polifemo, e o *aquilo* citado pelo sátiro se trata do velocino de ouro, mas além desse desentendimento causado pelos sentidos do personagem, o segundo título da série não carrega menções significativas ao deus Pã.

Em *A maldição do Titã*, diferente de seu predecessor, a presença da potestade é mais intensa; Logo no sétimo capítulo o jovem sátiro conta a Percy suas esperanças de que, com tantas forças antigas ressurgindo, é possível que Pã também esteja retornando. Posteriormente, no capítulo doze, durante sua passagem pelo Novo México, o grupo composto por Percy, Grover, Thalia, Bianca e Zoë, em meio à um embate contra esqueletos, uma brisa de primavera sopra em pleno inverno, animais inanimados ganham vida e o sátiro desmaia em um estado de choque grunhindo, quando levanta se mantém em frente às árvores e espera por um *presente da natureza*, que revela-se ser o Javali de Erimanto. Quando o caos da batalha é resolvido, a guerreira Zoë explica a Percy: “O senhor da Natureza, é claro. Por um momento único, com a chegada do javali, eu senti a presença de Pã.” (RIORDAN, 2009, p. 181). Após esse acontecimento Grover promete a si mesmo que retornará para o Novo México em busca de seu deus. Ao final do livro, a presença de Pã reaparece, quando Percy em uma conversa com Annabeth e Quíron é interrompido pelo amigo sátiro, que em meio ao seu frenesi diz: “Pã! [...] Eu o ouvi! [...] E ele falou na minha mente! [...] Apenas três palavras. Ele disse: “*Eu o espero.*”” (RIORDAN, 2009, p. 316).

No penúltimo livro da série, *A batalha do Labirinto*, a história do deus sátiro encontra seu fim no capítulo dezessete intitulado *O Deus perdido fala*; Nesse capítulo, Annabeth, Percy, Rachel e Nico se reencontram com Tyson e Grover enquanto caminham pelo labirinto de Dédalo. O sátiro encontra-se nos braços do amigo ciclope, tremendo desmaiado em um estado semelhante ao que ficara no Novo México no livro anterior. Quando acorda, ele explica que a presença de Pã é forte demais onde eles se encontram e, portanto, decidem seguir em frente.

Enquanto andam por um rio subterrâneo, Annabeth pontua que é possível que o grupo esteja em uma parte inexplorada das *Cavernas Carlsbad*, um parque com diversas grutas localizado no Novo México, o que explicaria a presença sentida por Grover em *A maldição do Titã*. Percy narra ao longo do percurso o sentimento de formigamento em sua pele ao sentir energia viva, e o cheiro do local que “Cheirava a árvores, a flores e a um dia quente de verão.” (RIORDAN, 2010, p. 318).

A turma do semideus finalmente alcança uma caverna e ao adentrá-la se deparam com um paraíso ecológico, um local coberto de cristais, linda vegetação e alguns animais já extintos (como um dodô) em torno de uma cama em estilo romana, que se encontrava no centro da sala, e deitado na cama estava Pã. O deus é descrito por Percy como: “Deitado na cama estava um sátiro idoso. [...] Seu cabelo encaracolado estava branco, assim como a barba pontuda; os chifres eram enormes, de um marrom lustroso, e curvos. [...] de seu pescoço pendia um conjunto de flautas de bambu.” (RIORDAN, 2010, p. 318). Percebe-se, em vista disso, que o autor continua ressaltando as características do deus sátiro atreladas ao espaço natural, porém modificou sua aparência física para aparentar ser mais velho, contrapondo a ideia de Pã como um deus jovem e sexual, o que contradiz a imortalidade intrínseca aos deuses. Porém é cabível pontuar que o local onde as crianças encontram o deus, até então perdido, é uma caverna que, como posto na primeira seção deste trabalho, era o local comum de adoração de Pã, diferente dos Olímpianos, comumente adorados em templos.

Adiante o protagonista afirma que “Ainda assim, Pã parecia cansado. Sua forma inteira tremeluzia, como se ele fosse feito de Névoa” (RIORDAN, 2010, p. 320). Observando o deslumbre das crianças em relação à caverna, o deus diz ser um dos poucos lugares ainda inexplorados no mundo e continua: “Temo que meu reino lá em cima tenha acabado. Só restam pequenas reservas dele. Pedacos minúsculos de vida. Este aqui vai se manter preservado... um pouco mais.” (RIORDAN, 2010, p. 320). Grover pede que seu mestre retorne com ele e ajude os sátiros a restaurar o mundo selvagem, todavia, Pã explica que tem caído em longos períodos de dormência, e cada vez que acorda o tempo em que se mantém desperto é menor, portanto ele está próximo do fim, e explica que “Tentei dizer ao mundo, há dois mil anos. Anunciei a Lysas, um sátiro muito parecido com você. Ele vivia em Éfeso e tentou espalhar a notícia.” (RIORDAN, 2010, p. 321); Aqui percebe-se a abordagem do escritor em relação à morte anunciada da potestade, na saga de Percy Jackson. O fim de Pã divulgado por Tamo foi obra do próprio deus como um aviso prévio, ele se manteve vivo tanto tempo apenas pela crença dos sátiros, mas Nico elucidou que “Ele está morrendo. Deveria ter

morrido há muito tempo. Isto aqui... é mais como uma lembrança.” (RIORDAN, 2010, p. 321). Contudo, ainda sem entender a possibilidade de um deus morrer, Grover questiona como isso é possível, e é respondido por seu senhor:

Eles podem desaparecer aos poucos [...], quando tudo que representam tiver deixado de existir. Quando seu poder se esvai e seus locais sagrados sucumbem. O mundo selvagem, meu querido Grover, está tão pequeno agora, tão destruído, que nenhum deus pode salvá-lo. Meu reino acabou. (RIORDAN, 2010, p. 321-322).

Aqui, de maneira mais enfática, observa-se a relação de Pã com a natureza posta por Rick Riordan, apesar de reconhecê-lo como deus dos pastores e da música, o autor apresenta o mundo natural como reino principal e essencial da divindade, ao ponto de ter sua vida atrelada a este domínio. Dando continuidade ao capítulo, Grover se mantém relutante em aceitar a morte daquele que buscou por tanto tempo, e ao utilizar-se da etimologia do nome da divindade, Pã conforta seu seguidor: “Mas meu nome, *Pã*... originalmente queria dizer *rústico*. Sabia disso? Com o correr dos anos, porém, passou a significar *todos*. O espírito do mundo selvagem deve passar para todos vocês agora.” (RIORDAN, 2010, p. 323). O capítulo se encerra com o jovem sátiro aceitando o fim de seu mestre, vendo-o se dissolver, e decidindo seguir em frente carregando os desejos deixados pelo deus, e com o término do capítulo, a história encontra também a conclusão da busca de Pã na série de livros.

Por meio do resumo apresentado em relação ao mito do deus sátiro na saga de livros de Rick Riordan, é possível afirmar que o autor possui entendimento sobre o mito grego original apenas moldando-o de maneira a se adequar à sua narrativa, ainda assim é interessante observar como algumas características de Pã são abordadas, como o anúncio de sua morte, sua estadia ser em uma caverna, a menção da etimologia de seu nome e as flautas que o adornam. Nos capítulos que sucedem o capítulo dezessete do quarto romance, assim como o quinto e último livro da série, *O último Olimpiano*, poucas menções são feitas ao deus, somente aludido quando Grover relata sua morte aos outros sátiros e espíritos da natureza, ou quando o feito é comentado entre o grupo principal da história.

Portanto, agora que o leitor dispõe de um maior conhecimento do universo de Percy Jackson e, mais especificamente, da história do deus Pã dentro deste universo, a seguir será abordada a teoria literária denominada como *ecocrítica*.

5. ECOCRÍTICA

A ecocrítica, quando comparada a outras vertentes de crítica literária, pode ser concebida como uma abordagem nova, que começou a ganhar tração na segunda metade do século vinte e vêm crescendo junto à progressiva preocupação com a preservação ambiental. Como posto por Loretta Johnson (2009), “Ao longo das três últimas décadas, a ecocrítica tem emergido como um campo de estudos literários que se direciona a como os humanos se relacionam com a natureza não humana ou o ambiente na literatura.” (p. 7). A nomeação dessa abordagem literária é atribuída pela maioria dos teóricos a William Rueckert, que em 1978 publicou o artigo intitulado *Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism*, porém, o nome ganhou potência de fato quando Cheryll Glotfelty, em 1989, urgiu pela sua utilização, entretanto, encontra-se fontes importantes do que viria a ser a ecocrítica já na década de 60, não sendo possível pontuar a publicação de Rueckert como o ponto de partida do movimento (JOHNSON, 2009; BRANCH, Michael P.; O’GRADY, Sean, 1994).

Johnson (2009) comenta a divisão da ecocrítica em duas ondas: a primeira, que ocorreu no final do século vinte, se ocupava majoritariamente de abordar espaços rurais e paisagens naturais; A segunda onda, a que atualmente predomina, trata não apenas de espaços intocados, mas de todos os espaços físicos, locais urbanos, casas, prédios, borrando os limites da idéia de “ambiente”, pois até mesmo um cubículo em uma empresa pode ser entendido como ambiente (p. 8), no entanto, Terry Gifford comenta que “Mesmo a ecocrítica da segunda onda ainda prefere lidar com o local como se fosse apenas regional e evita engajar-se com o paradoxo de alguns dos seus bem-viajados autores sobre local, como Barry Lopez.” (2009, p. 249).

A ecocrítica ganhou força e se desenvolve principalmente, mas não exclusivamente nos Estados Unidos, Cohen (2004) explica que

Ecocrítica não possui nenhuma relação específica com a literatura americana. Isso significa, é claro, não que a ecocrítica não lida ou não deveria lidar com a literatura americana, mas que não é, a princípio, mais rigorosamente atada à literatura americana em relação a literatura de qualquer outra nação ou região. (p. 9, tradução nossa).

Uma das principais associações de estudos voltados à ecocrítica, a *Association for the Study of Literature and Environment* (ASLE), foi fundada em 1992 durante uma conferência em Nevada da *Associação de Literatura Ocidental*, atualmente com grupos espalhados pelo

mundo e, desde então, bianualmente faz publicações de trabalhos que cercam a ecocrítica (COHEN, 2004; RIGBY, 2002).

Mas, afinal, o que é a ecocrítica? Motivados por essa mesma pergunta, Branch e O'Grady (1994) organizam um compilado de artigos titulado *Defining ecocritical theory and practice*, e após feita a sua leitura é possível, resumidamente, definir a ecocrítica como uma vertente crítica que busca, através da literatura, questionar a representação da relação do homem com o espaço natural, assim como pretende, por meio de sua abordagem, reaver o contato entre o homem e a natureza para frear e eventualmente reverter os danos causados ao meio ambiente, restabelecendo a conexão entre acadêmicos e o mundo natural (BRANCH, Michael P.; O'GRADY, Sean, 1994).

Como posto por Fritjof Capra, “A palavra “ecologia” vem do grego oikos (casa). Ecologia é o estudo de como a Casa Terra funciona. Mais precisamente, é o estudo das relações que interligam todos os moradores da Casa Terra.” (2003, p. 1). Portanto, é necessário zelar por essa casa. Em vista disso, pode-se entender a ecocrítica como disciplina inerentemente interdisciplinar, pois deve se ocupar não apenas da literatura, mas também da ciência, ecologia e estudos ambientais (JOHNSON, 2009). Contudo, segundo Gifford, a interdisciplinaridade tão fortemente atrelada à esta vertente pode trazer efeitos negativos, escreve o autor: “A originalidade conceitual na ecocrítica produziu revisão, releituras e reexames de um grande número de textos, enquanto que a interdisciplinaridade, que é sua força mais distintiva, impede o estabelecimento de uma metodologia monolítica.” (2009, p. 256).

Para maior compreensão de como a ecocrítica busca analisar a natureza em representações literárias, e de como isso impacta a visão de mundo do leitor e, por conseguinte, o mundo natural em si, é necessário citar o escrito de Lynn White, nomeado *The historical roots of our ecologic crisis* (1967), no qual o autor argumenta que

Nossa crise ecológica é o produto de uma emergente, inteiramente nova, cultura democrática. O problema é se um mundo democratizado consegue sobreviver às suas próprias implicações. Presumivelmente nós não podemos a não ser que repensemos nossos axiomas. (p. 1204, tradução nossa).

Ao longo de seu artigo, White apresenta a ideia de que a cultura influencia a maneira como a natureza é vista pela sociedade, e apresenta como principal agravante a religião cristã e a relação homem-natureza instaurada pela bíblia, pois ao pôr o espaço natural como local para abrigar a espécie humana e prover para ela, algo como um direito de nascença, o cristianismo justifica a exploração desses recursos como direito divino. O autor finaliza o artigo com a

ideia de que “Mais ciência e mais tecnologia não irão nos tirar da atual crise ecológica até encontrarmos uma nova religião, ou repensemos nossa antiga.” (WHITE, 1967, p. 1206, tradução nossa), reforçando a necessidade de mudar a cultura para mudar a percepção da sociedade em relação ao meio ambiente, e não colocar o fardo da preservação apenas na ciência “dura”. É importante no entanto, ressaltar que os estudiosos de ecocrítica não entendem a natureza como socialmente construída, pois entender o espaço natural dessa maneira seria colocar o homem como superior e definidor do ambiente, apenas a maneira como o meio é percebido que é culturalmente influenciado (WHITE 1967; BRANCH, Michael P.; O’GRADY, Sean, 1994; RIGBY, 2002).

Por conseguinte, através da perspectiva exposta por Lynn White, entende-se a necessidade da literatura também ser abordada de um ponto de vista ecológico, pois como um produto da cultura, obras literárias causam impacto no entendimento do leitor sobre o meio no qual está inserido, mesmo que de maneira inconsciente. Autores como Michael P. Cohen (2004) e Kate E. Rigby (2002) ainda ressaltam a importância de não separar a cultura da natureza, uma vez que um é afetado e moldado constantemente pelo outro, escreve Cohen: “De maneira simples, ecocrítica precisa importar autoridades científicas com o propósito de combater duas posições, 1) que a cultura pode ser um escape da natureza, e 2) que a natureza é meramente uma construção social.” (2004, p. 9, tradução nossa). Em contrapartida, Rigby também atenta ao fato de que seria errôneo creditar à cultura toda a culpa da perspectiva antropocêntrica socialmente adotada em relação ao meio ambiente, pois:

Deixar a análise no nível da crítica cultural seria ser vítima da falácia do idealismo, especialmente se há alguma verdade na visão Marxista de que as forças materiais e as relações de produção são os verdadeiros condutores da mudança cultural e social. Apesar de que possamos não querer nos inscrever à alternativa (“materialista”) falácia de determinismo econômico também, é importante reconhecer a influência de estruturas sociais, políticas e econômicas na perpetuação, transformação e deslocamento daquelas visões de natureza que são transmitidas pelos textos de cultura. (RIGBY, 2002, p. 156, tradução nossa).

Vale pontuar ainda que, por possuir como pauta a mudança de paradigmas sociais já estabelecidos e a frequente incorporação de questões de justiça social, a ecocrítica se aproxima de estudos pós-coloniais, como o feminismo e a teoria queer, podendo até mesmo se ramificar e mesclar à estas vertentes, como é o caso de obras que tratam da ecocrítica feminista, como o trabalho de Annette Kolodny em 1975, o primeiro grande trabalho nessa perspectiva (RIGBY, 2002, p. 162).

Pensando em movimentos literários que poderiam ser usados como exemplo de ecocriticismo, faz-se necessário comentar o romantismo, pois como colocado por Rigby

(2002) em concordância com outros críticos, essa escola literária pode ser entendido como um ponto de partida onde autores começaram a repensar a relação do homem com a natureza, apesar de ser possível argumentar que desenvolveu-se nessa vertente uma estética em torno do natural que servia não como forma de protesto ao crescente desenvolvimento industrial, mas sim como compensação por sua exploração, ato que pode ainda ser encontrado em escritos atuais. Percebe-se, assim, que a ecocrítica não lida apenas com escritas sobre natureza, mas também não se priva dela, pois assumir que a ecocrítica pode ou deve trabalhar apenas com textos que tratem especificamente sobre o ambiente é “[...] comparável à afirmar que o feminismo é apenas aplicável a textos escritos por ou sobre mulheres.” (COHEN, 2004, p. 9, tradução nossa). Para Michael P. Cohen (2004) as obras literárias de certa maneira são todas intrinsecamente ambientais porque “[...] Todas narrativas publicadas ou até mesmo manuscritas possuem árvores nelas porque são feitas de árvores: a natureza está sempre conosco em casa.” (p. 8, tradução nossa), assim sendo, não apenas o conteúdo de uma obra é suscetível à visão ecocrítica, sua fisicalidade, o objeto livro, também pode ser contestada.

Mas então, como se define uma escrita que é orientada pelo ambientalismo? Lawrence Buell, um dos principais pesquisadores da ecocrítica, estabelece em *The Environmental Imagination* (1995) quatro características para que uma obra possa ser entendida como tal, são:

1. *O espaço não humano está presente não meramente como ferramenta de enquadramento mas como uma presença que começa a sugerir que a história humana está implicada na história natural.* [...]
2. *O interesse humano não é compreendido como o único interesse legítimo.* [...]
3. *A responsabilidade humana com o ambiente é parte da estrutura ética do texto.* [...]
4. *Algum senso do ambiente como processo ao invés de uma constante é ao menos implicado no texto.* [...] (BUELL, 1995, p. 7-8, apud RIGBY, 2002, p. 158-159, grifos do autor, tradução nossa).

Em vista disso percebe-se que, segundo a descrição de Buell, o meio natural não precisa ser o ponto principal da história para que a obra seja vista como correta pela concepção ecocrítica, só é preciso que a natureza não seja compreendida como subjugada ao humano, nem como enfeite da história.

Considerando o que foi apresentado até agora em relação a esta vertente de crítica literária e seu entendimento em torno da literatura, a próxima seção irá tratar do mito de Pã como reimaginado por Rick Riordan ao longo da saga de *Percy Jackson* através do prisma da ecocrítica.

6. O MITO DE PÃ EM *PERCY JACKSON* COMO ESCRITA ECOCRÍTICA

Como previamente apresentado, classicamente Pã é compreendido como deus dos rebanhos, caça, espaços naturais e música folclórica, portanto, por estar atrelado intrinsecamente à natureza e agir como protetor dela e da vida selvagem, é possível entender o mito clássico, de certa maneira, como eco crítico, pois o ambiente não está subjugado ao deus sátiro, os dois agem mais como semelhantes. Por sua vez, a releitura de Rick Riordan acerca da história de Pã exacerba essa conexão entre a potestade e a natureza tornando-os uno, a existência da divindade depende da existência do espaço natural.

Analisando o mito do deus sátiro ao longo da saga *Percy Jackson e os Olimpianos*, através da lente ecocrítica de Buell, e as características tidas por ele como necessárias para uma obra ecocriticamente correta, faz-se possível entender que o objetivo de Riordan era justamente dar voz à natureza, pois Grover ao longo da história aponta as mazelas da humanidade contra o ambiente, como no primeiro livro, ao indicar para Percy a sujeira deixada nos arredores, mostrando-se até mesmo frustrado pela tentativa de lecionar um humano. Essas frustrações e o detrimento causado ao espaço natural culminam na aparição da Pã e sua morte, portanto, seguindo a proposta de Lawrence Buell. A obra do autor da saga se encaixa na ideia de uma história ecologicamente pensada, pois o meio não está presente apenas como moldura da narrativa, o interesse dos humanos não se sobrepõe aos danos causados à natureza, e suas ações são questionadas por Grover e Pã, além da constância e progressão do natural na história ao longo dos cinco livros que compõe a série.

A crítica do autor à degradação da natureza toma forma principalmente no capítulo dezessete do quarto livro, que como comentado na seção 4, narra o encontro dos personagens principais com o deus sátiro em seu leito de morte. Sua morte se dá pelo desaparecimento dos espaços naturais preservados e intocados, aqui seu falecimento já não representa mais a domesticação de cabras como interpretado por Carvalho (2010) acerca do mito clássico, na obra de Rick Riordan o fim de Pã se apresenta como o anúncio da domesticação da natureza, ou ao menos a tentativa da humanidade de controlar o meio ambiente. Em seu texto, Lynn White (1967) comenta a prática clássica de atrelar vida ao espaço natural, como posto pelo autor:

Na antiguidade toda árvore, toda primavera, todo curso de água, toda colina tinha seu próprio *genius loci*, seu espírito guardião. Esses espíritos eram acessíveis aos homens, mas eram muito diferentes dos homens; centauros, faunos, e sereias mostravam sua ambivalência. Antes de se cortar uma árvore, minar uma montanha, ou represar um ribeiro, era importante aplacar o espírito no comando daquela

situação em particular, e mantê-lo aplacado. Ao destruir o animismo pagão, o cristianismo fez possível explorar a natureza em um ânimo de indiferença em relação aos objetos naturais. (p. 1205, tradução nossa)

É possível pensar, portanto, que Riordan busca reanimar estes objetos já desalmados pela prática cristã, pois segundo Rigby (2002) os humanos tendem a crer que a natureza está silenciada, porém “Essa tendência de restringir a linguagem à esfera humana pode estar relacionada com o aumento da literariedade, através do qual a língua se torna atada à exclusiva prática humana de escrita.” (p. 164, tradução nossa). Cabe, portanto, à ecocrítica restituir a voz do ambiente, emprestar a voz da literariedade e da crítica ao ambiente, e a saga de Percy Jackson o faz através do deus Pã, dado que mesmo em seu momento final o deus anuncia:

Precisam dizer a todos que encontrarem: se quiserem achar Pã, aceitem o espírito de Pã. Reconstruam o mundo selvagem um pouco de cada vez, cada um em seu canto do globo. Não podem esperar que ninguém mais, nem mesmo um deus, faça isso por vocês. (RIORDAN, 2010, p. 323).

Neste momento o autor incumbi a humanidade de culpa, não apenas pelo fim da natureza, mas também pelo fim de uma divindade, acentuando o fato de que, no momento histórico atual à obra, não se pode esperar que o meio seja auto suficiente em sua reconstituição, o personagem principal até mesmo pontua que o deus “Referia-se também aos meios-sangues e aos humanos. Todos.” (RIORDAN, 2010, p. 322), o dever da preservação em vista disso recai sobre toda a humanidade, não apenas uma parcela dela, muito menos à uma força divina. Logo, Rick Riordan ressignifica não apenas o mito de Pã, mas também sua morte, como um apelo da natureza aos homens do tempo moderno. É possível sentir o espírito de Pã, assim como a natureza, se forem buscados, entretanto os dois se apresentam de maneira quase que incorpórea, abstrata, na contemporaneidade.

A culpa da humanidade é melhor representada na obra através da personagem Rachel Elizabeth Dare, a única humana que segue o grupo principal em uma de suas aventuras; após a morte do deus a jovem revela ser filha de um empreendedor imobiliário, e comenta com Percy a respeito de seu pai: “Ele viaja o mundo todo procurando terras inexploradas. [...] O mundo selvagem. Ele... ele o compra. Odeio isso, mas ele derruba tudo e constrói loteamentos e *shoppings* horrorosos.” (RIORDAN, 2010, p. 326.). A personagem, assim como o leitor, é humana e tem a experiência da personificação da natureza falar com ela e desaparecer em sua frente, é através de Rachel que o leitor ouve, ou melhor posto, lê o pedido de socorro da natureza e sente o peso da culpa, é por meio dela que se entende os danos causados pelo crescimento imobiliário desenfreado.

Michael P. Cohen comenta acerca dos propósitos da ecocrítica que:

Um propósito da literatura ambientalista, enquanto literatura, é expressar não apenas o prazer de espaços abertos, mas também mostrar como é ser “bombardeado” no sul de Utah, ser uma vítima de toxinas, ser privado de um lugar ancestral ao sol. A responsabilidade dos ecocríticos inclui valorizar essas experiências quando elas se tornam literatura. Mas a literatura deve também suportar escrutínio e se fazer entender sob as lentes do estudo interdisciplinar. (2004, p. 19, tradução nossa)

Portanto, segundo o autor, textos literários ambientalistas não devem apenas exaltar a beleza e o esplendor do ambiente, mas também pontuar as falhas da humanidade com ele sem atenuar a verdade, é necessário encontrar o equilíbrio entre esses comentários, e Rick Riordan o faz belamente ao narrar o encontro do jovem grupo com o deus sátiro em uma caverna, pois o escritor narra a gruta onde Pã se encontra como um local estonteante por sua beleza, “As paredes cintilavam com cristais – vermelhos, verdes e azuis. Naquela estranha luz, cresciam lindas plantas – orquídeas gigantes, flores em formato de estrela, trepadeiras repletas de frutinhas laranja e púrpura que se insinuavam entre os cristais.” (RIORDAN, 2010, p. 319). Aqui o texto trata de exaltar a beleza natural deste local primitivo imaginado pelo literato, algo como um lembrete do que a natureza era e pode voltar a ser. Essa idealização torna-se ainda mais potente quando pareada com a perspectiva de Borgeaud (1988 [1979]) em relação à caverna como local de reencontro com o antigo e a origem.

Mas logo essa adoração é interrompida para que o leitor presencie junto às personagens a morte da divindade, comentando os danos feitos ao meio ambiente e a urgência que as pessoas devem ter em repará-lo. Para além disso é possível pensar ainda na interdisciplinaridade do texto criado por Riordan, que atravessa a ecologia, a ficção de sua literatura e os mitos clássicos, portanto é viável compreender a releitura feita em *Percy Jackson e os Olimpianos* como uma reescrita pensada a partir do prisma da ecocrítica, não apenas por colocar a natureza como a preocupação maior da humanidade, mas colocá-la acima até mesmo do divino.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos tópicos abordados neste trabalho, e o entendimento adquirido sobre eles, compreende-se que o mito de Pã, como escrito por Rick Riordan, contém aspectos eco críticos em seu desenvolvimento, pensado de maneira a conscientizar o leitor das mazelas causadas ao meio ambiente, e urgindo para que ações sejam tomadas para a reversão desse mal. Vale notar, entretanto, que esta produção acadêmica deve ser lida apenas como meio instigador para que o leitor busque mais sobre a ecocrítica, e sobre temas que podem ser desenvolvidos na obra de Rick Riordan, como, por exemplo, os animais enjaulados que o trio principal liberta no primeiro livro da saga. Ao encontrarem um caminhão com alguns bichos selvagens mantidos em situação precária, o grupo logo percebe que algo está errado, e descobre pouco depois que aqueles são animais contrabandeados.

As críticas do autor ao tratamento dirigido aos aspectos naturais, portanto, não se limitam apenas a espaços, e também não se limitam apenas ao mito de Pã. Para além disso, a obra de Riordan pode ser usada como base para um ensino ecológico, pensando na alfabetização como proposta por Fritjof Capra (2003), em seu artigo intitulado *Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21*. Ademais, pode-se pensar extensivamente em temas como a intertextualidade, a reimaginação dos mitos, o valor pedagógico destes livros, enquanto obras infanto-juvenis escritos por um ex-professor, entre outros, ideias não abordadas ao longo deste escrito devido o recorte feito para a temática proposta.

Constata-se, então, que a saga de Percy Jackson inclui, ao longo de sua narrativa, vários elementos ecologicamente pensados, afora ser uma rica fonte de interessantes ideias para serem pensadas por um ponto de vista acadêmico, consolidando-a como uma memorável saga literária, não apenas por sua principal narrativa, mas também pelas nuances que os livros carregam em seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, António; STRECHT-RIBEIRO, Orlando. Ecologia, ecologismos e literatura. **Revista de Educação**, v. 10, n. 2, p. 75-84, 2001.

BARBOSA, Leandro Mendonça. O Mundo Ctônico de Pã: ruralidade e festa na Grécia do período clássico. **Revista Trilhas da História**, v. 5, n. 9, p. 68-83, 2015.

BAUMGARTEN, Mariana. **Entre mitos e monstros: a figura do herói em Percy Jackson e os Olímpianos**. 2019.

BORGEAUD, Philippe. **The Cult of Pan in Ancient Greece**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1988 [1979].

BRANCH, Michael P.; O'GRADY, Sean. Defining ecocritical theory and practice. **The Association for the Study of Literature and Environment**, 1994.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. **Meio ambiente no século**, v. 21, n. 21, p. 18-33, 2003.

CARVALHAL, Tânia Franco. Intertextualidade: a migração de um conceito. **Via Atlântica**, n. 9, p. 125-136, 2006.

CARVALHO, Sílvia M. S. de. Pã. In: RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves (org.). **Hinos Homéricos: tradução, notas e estudo**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 504-505.

COHEN, Michael P. Blues in the green: Ecocriticism under critique. **Environmental History**, v. 9, n. 1, p. 9-36, 2004.

DEBRUGE, Peter. **Film Review: 'Percy Jackson: Sea of Monsters'**. 2013. Disponível em: <https://variety.com/2013/film/reviews/percy-jackson-sea-of-monsters-review-1200574762/>. Acesso em: 01 out. 2021.

GIFFORD, Terry. A ecocrítica na mira da crítica atual. **Terceira Margem**, v. 13, n. 20, p. 244-261, 2009.

GRAVES, Robert. Os Efeitos e a Natureza de Pã. In: GRAVES, Robert. **Os Mitos Gregos**: volumes 1 e 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Cap. 26. p. 183-188.

GROUP, The Pekoe. **The Lightning Thief**. Disponível em: lightningthiefmusical.com/. Acesso em: 20 abr. 2021.

IMDB. **Percy Jackson & the Olympians: Sea of Monsters (2013)**. 2013. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt1854564/?ref_=fn_al_tt_5. Acesso em: 20 abr. 2021.

IMDB. **Percy Jackson & the Olympians: The Lightning Thief (2010)**. 2010. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt0814255/?ref_=fn_al_tt_4. Acesso em: 20 abr. 2021.

JOHNSON, Loretta. Greening the library: The fundamentals and future of ecocriticism. **Choice**, v. 47, n. 4, p.

KENNEDY, Mark. **New musical of 'The Lightning Thief' to open in NYC**. 2017. Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2017/jan/10/new-musical-of-the-lightning-thief-to-open-in-nyc/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MEZARI, Meiry Peruchi. Intertextualidade como motivação para a leitura dos clássicos: de Percy Jackson e os Olimpianos para As Metamorfoses de Ovídio. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 15, 2011.

RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves. Introdução. In: RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves (org.). **Hinos Homéricos**: tradução, notas e estudo. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 40-79.

RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves (trad.). Pã, deus dos pastores e rebanhos. In: RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves (org.). **Hinos Homéricos**: tradução, notas e estudo. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 497-503.

RIGBY, Kate E. Ecocriticism. In: **Introducing criticism at the 21st century**. Edinburgh University Press, 2002. p. 151-178.

RIORDAN, Rick. **A batalha do labirinto**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

RIORDAN, Rick. **A maldição do titã**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

RIORDAN, Rick. **An Interview With Rick**. Disponível em: <https://rickriordan.com/about/an-interview-with-rick/>. Acesso em: 19 fev. 2021.

RIORDAN, Rick. **O ladrão de raios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

RIORDAN, Rick. **O mar de monstros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

RIORDAN, Rick. **O último olimpiano**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e os Olimpianos: guia definitivo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

SCHECK, Frank. **'The Lightning Thief: The Percy Jackson Musical': Theater Review**. 2017. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/review/lightning-thief-percy-jackson-musical-theater-review-991079>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. Companhia das Letras, 1990.

TOMATOES, Rotten. **Search Results for : "percy jackson"**. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/search?search=percy%20jackson>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TURAN, Kenneth. **Review: 'Percy Jackson & The Olympians: The Lightning Thief'**. 2010. Disponível em:

<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2010-feb-12-la-et-percy12-2010feb12-story.html>.

Acesso em: 01 out. 2021.

VENANCIO, Ana Carolina Lopes. Literatura Infanto Juvenil, in: VENANCIO, Ana Carolina Lopes. **Literatura infanto-juvenil e diversidade**. 2009, p. 43-53.

WHITE, Lynn. The historical roots of our ecologic crisis. **Science**, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, 1967.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em questão**, v. 9, n. 1, p. 121-132, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. **Perspectiva**, v. 2, n. 4, p. 98-102, 1985.